O IMPARCIAL SÁBADO, 6 de junho de 2015 / opinião/ 3a



Dúvidas e incertezas da sustentabilidade

O momento tinha tudo para despertar esperanças. Passados 20 anos da reunião da ONU (Organização das Nações Unidas) de 1992 voltada para o debate ambiental - a célebre Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - o Rio de Janeiro sediava novamente um encontro internacional de importância ímpar.

Tratando-se de um evento das Nações Unidas com foco no Desenvolvimento Sustentável, essa verdadeira Cúpula da Terra tornou-se conhecida, numa referência direta à ilustre Eco-92, como Rio + 20. Durante dois dias, entre 20 e 22 de junho de 2012, o fato objetivo de reunir governantes de todo mundo, evidenciava claro interesse institucional pela agenda ambiental.

O objetivo manifesto do encontro, alavancar políticas públicas e medidas habilitadas a dar conta do desafio ambiental, pautava igualmente uma avaliação do "estado da arte" ecológico no conjunto do planeta. Neste prisma, endossando questão cuja essencialidade ninguém ousaria colocar em dúvida, o evento prefiguraria uma espécie de versão 2.0 da Rio-92.

Afinal, passadas duas décadas da consagração do conceito de Desenvolvimento Sustentável, seria pelo mínimo razoável aguardar por uma safra de sucessos e iniciativas bem-sucedidas. Porém, tornou-se imperioso admitir que mesmo após vinte anos de pregação incansável da noção difundida pela norueguesa Gro Brundtland - com justiça considerada "mãe do desenvolvimento sustentável" - os progressos da sustentabilidade eram desanimadores.

Pior ainda, registraram-se retrocessos desabonadores em muitos quesitos. Conforme divulgado no relatório Panorama Ambiental Global - confeccionado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) - apenas quatro das 90 metas ambientais mais importantes acertadas nos últimos 40 anos observaram avanço significativo. Outros 40 objetivos avançaram minimamente. Para completar, 24 não apresentaram praticamente nenhum progresso.

Certamente, esta verdadeira ducha de água fria alimentou debates e controvérsias de todo o tipo. Em especial, uma destas ponderações, refletindo um incômodo difusamente assentado na mente de todos os atores que acompanham a trajetória do desenvolvimento sustentável, ganhou corpo neste cenário.

Indo direto ao ponto: a problemática explicitada pelas planilhas não se resumiria à mera má vontade das autoridades, falhas logísticas ou operacionais. Para entender a razão de tamanhos fracassos na resolução de questões ambientais prementes, seria, pois necessário seguir fundo na discussão.

Claro está que a gravidade do panorama trazido a luz pela Rio+20 não tinha como ser ignorado pela Senhora Brundtland. Pelo contrário, acompanhando em tempo integral os caminhos assumidos pela sustentabilidade, Brundtland, referência mundial por ter coordenado a feitura do Relatório Nosso Futuro Comum (documento matricial da Rio 92), desfiou, em entrevista concedida à imprensa, um longo rosário de amarguras.

Emitindo declarações que chocaram alguns observadores, Gro Brundtland declarou sem meias palavras que a sustentabilidade ainda aguarda materialização enquanto prática real. Demonstrando inconformismo, admoestou também que o termo é utilizado de forma abusiva, sem a menor conexão com as intenções que nortearam a Rio-92. E sem maiores delongas, desabafou: "O desenvolvimento sustentável ainda não aconteceu".

Ora, em sendo a entrevistada - conforme foi registrado - a "mãe" do conceito de sustentabilidade, quem poderia contestar o veredicto de Brundtland? E de fato, num mundo no qual a insustentabilidade se tornou regra geral, transitam toda sorte de itens "sustentáveis". Hoje em dia o mercado disponibiliza, por exemplo, os bons serviços oferecidos por cemitérios "sustentáveis". Para gaseificar e calcinar o que quer que seja podemos recorrer a incineradores supostamente "verdes".

Polissêmico, o termo sustentável tornou-se alheio inclusive a contradições notórias. Tanto assim que o exército dos EUA encomendou em data recente tanques de guerra providos de painéis solares, blindagem ecoeficiente e motores com baixa em emissão de poluentes. Adivinharam? São carros blindados "ecológicos" é óbvio. Para complementar, até mesmo um partido nazista "verde" opera na clandestinidade na Europa ocidental.

Em suma: a inconsistência teórico-operacional do chamado Desenvolvimento Sustentável está sob fogo cruzado. E não por acaso, em abril deste ano uma série de intelectuais de peso, basicamente europeus e norteamericanos, lançaram um manifesto ecomodernista, que independentemente da aceitação ou não das suas teses, explicita clara necessidade de revisão da grade conceitual existente, suas implicações e limitações.

Um caminho de debates que indo às raízes da questão, constitui passo importante para identificar novas linhas de atuação. As futuras gerações agradecem.

EDITORA KOTEV



Conheça os títulos de Maurício Waldman publicados pela Editora Kotev. Acesso:

Plataforma Internacional Kobo:

kobo

https://store.kobobooks.com/search?Query=%22maur%C3% ADcio+waldman%22&pageNumber=1